

AMOR, FÉ E ENTREGA: JESUS HONRA A ATITUDE DA MULHER DE MARCOS 14.3-9

Vanessa Hoffmann Machado⁴⁴

RESUMO

O presente artigo tem como assunto a análise da perícopes de Marcos 14.3-9, que descreve a unção de Jesus por uma mulher em Betânia. O problema investigado consiste em compreender como a ação parabólica dessa mulher foi interpretada por Jesus e pelos presentes, e o que essas diferentes interpretações revelam sobre o verdadeiro sentido da devoção. O objetivo geral é analisar a riqueza teológica, narrativa e simbólica do episódio, evidenciando seu significado no contexto do Evangelho de Marcos. A metodologia utilizada baseia-se em pesquisa bibliográfica, com abordagem histórico, literária e teológica, incluindo análise comparativa com textos paralelos. Como resultados, verifica-se que o gesto da mulher é reconhecido por Jesus como expressão de amor sacrificial, discernimento espiritual e ação profética, sendo elevado a modelo de verdadeira devoção e incorporado à memória permanente da proclamação do Evangelho.

Palavras-chave: Mulher; Unção; Devoção; Honra; Ação parabólica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a perícopes de Marcos 14.3-9, que descreve a unção de Jesus por uma mulher em Betânia, destacando a relevância teológica, histórica e literária desse episódio. Trata-se de um momento singular na narrativa do Evangelho de Marcos, no qual um ato de devoção pessoal é interpretado pelo próprio Cristo como expressão de amor sacrificial e discernimento espiritual, recebe reconhecimento e promessa de memória duradoura (Mc 14.9). Para aprofundar a compreensão do texto, será considerado o contexto histórico, social e religioso do período, bem como a autoria, data, local de redação e público-alvo do Evangelho, de acordo com as contribuições de Bruce (2009), Hendriksen (2003) e Keener (2005).

O Evangelho de Marcos, tradicionalmente atribuído a João Marcos, provavelmente foi redigido entre 60 e 70 d.C., possivelmente em Roma, possui como destinatários comunidades cristãs que enfrentavam perseguição e necessitavam de encorajamento

⁴⁴ É mestrande em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná; pós-graduada em Gestão de conflitos pela Faculdades Batista do Paraná, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná.

(LOPES, 2006; POHL, 1998). Seu propósito central é apresentar Jesus como o Messias sofredor e Filho de Deus, enfatiza a necessidade de discipulado e permanência em meio à oposição. No caso específico de Marcos 14.3-9, o contexto histórico específico se insere nos eventos da Páscoa judaica, período que antecede a Paixão de Cristo, marcado por crescente tensão entre Jesus e as lideranças religiosas locais (CARSON, 2009; WIERSBE, 2008).

O contexto remoto está nos últimos dias de vida terrena de Cristo e o anúncio prévio de sua morte, enquanto o contexto imediato se desenvolve no ambiente íntimo da casa de Simão, o leproso, onde ocorre a ação simbólica da mulher. A delimitação da passagem compreende o relato da unção, a reação dos presentes e a resposta de Jesus, dividindo-se em três movimentos principais: Jesus é honrado com a ação de uma mulher, reação dos presentes à ação da mulher e o reconhecimento de Jesus diante do gesto.

A análise comparativa com o relato paralelo em Mateus 26.6-13 evidencia convergências na estrutura narrativa e no significado do ato, aponta que os dois relatos se referem à mesma situação, reforçando o caráter profético da unção. Por outro lado, o contraste com João 12.1-8, que identifica a mulher como Maria, irmã de Lázaro, acrescenta elementos narrativos e teológicos que enriquecem a interpretação, mas também apontam diferenças de ênfase e construção literária, que direciona ao fato de ser outro momento, não o mesmo narrado em Marcos 14 e Mateus 26 (DARBY, 1985; BRUCE, 2009).

Segundo Kunz (2018), as ações parabólicas de Jesus são atos concretos usados como mensagens simbólicas, equivalentes a parábolas narradas, mas expressas de forma performática. Diferente do discurso verbal, a ação parabólica desperta a atenção e provoca interpretação, justamente por romper expectativas culturais e religiosas.

No episódio da unção em Betânia, o gesto da mulher, embora não acompanhado de discurso, pode ser considerado uma ação parabólica. Primeiro sua ação antecipa e simboliza a morte e o sepultamento de Jesus, conforme a interpretação do próprio Mestre (Mc 14.8), funciona como anúncio performático do evento pascal. Em segundo lugar, tal gesto subverte a lógica tradicional do uso e destino de bens de elevado valor, deslocando-os do âmbito comercial e utilitário para a esfera do culto e da entrega como devoção. E então, constrói-se, a partir desse ato, uma metáfora encarnada da doação

total, a qual Jesus vincula diretamente à proclamação do Evangelho, garantindo que seu significado ultrapasse os limites do momento histórico para tornar-se parte integrante da mensagem do Reino.

O problema para análise está na maneira que a ação parabólica de unção realizada pela mulher foi interpretada por Jesus e pelos presentes no local, de que forma essas avaliações revelam o que move o coração de quem presencia tal ato de devoção e entrega.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica baseada em obras de referência, integrando perspectivas históricas, literárias e teológicas, a fim de oferecer uma leitura fiel à intenção do autor e à recepção original. A análise do episódio busca mostrar que, em Marcos, o discipulado e o valor espiritual das ações estão centrados na pessoa e obra de Cristo.

1. ANÁLISE CONTEXTUAL DA PASSAGEM

A interpretação de Marcos 14.3-9 requer análise dos contextos histórico e literário, esta seção aborda autoria, data, local de redação, destinatários e propósito do Evangelho, além dos contextos histórico específico, remoto, imediato e delimitação da passagem.

1.1. Contexto histórico geral, autoria, data, local de redação, destinatários e propósito do Evangelho

O Evangelho de Marcos foi escrito para uma comunidade cristã majoritariamente gentílica, que enfrentava perseguições e sofrimentos, possivelmente sob o governo de Nero. Nesse contexto, Marcos apresenta Jesus como o Filho de Deus sofredor e servo, enfatiza sua autoridade, compaixão e o caminho do discipulado marcado pela cruz. Sua narrativa rápida e direta visa fortalecer a fé dos crentes perseguidos e desafiá-los a seguir a Cristo com fidelidade, mesmo diante da adversidade (KEENER, 2005; WIERSBE, 2008; CARSON, 2009).

O Evangelho de Marcos é amplamente considerado o mais antigo dos quatro evangelhos canônicos, comumente datado entre os anos 60 e 70 d.C. A tradição da igreja primitiva, associa sua autoria a João Marcos, companheiro de Paulo e posteriormente de

Pedro, sendo visto como alguém que escreveu a partir da pregação e testemunho do apóstolo Pedro.

Segundo Keener, o local de escrita pode ter sido “[...] Galiléia, Alexandria e, a mais frequente delas, Roma. Os leitores de Marcos provavelmente viviam fora da Palestina e, na maioria, eram não judeus. Roma seria a proposta mais adequada [...]” (KEENER, 2005, p.137). Considerando o público-alvo do Evangelho, o estilo de escrita adotado, a explicação de costumes judaicos e a tradução de termos aramaicos, é plausível supor que sua redação tenha ocorrido em Roma, para cristãos recém-convertidos.

O Evangelho de Marcos atende às necessidades da comunidade cristã de seu tempo ao tornar as boas-novas acessíveis aos gentios, explicando costumes judaicos e utilizando linguagem direta. Serve de encorajamento aos perseguidos, apresenta Jesus como Filho de Deus com autoridade divina e defende a fé cristã. Central à narrativa está o significado da cruz, entendida como cumprimento do plano redentor de Deus e modelo de discipulado marcado pela vida sacrificial (CARSON, 2009).

1.2. Contexto histórico específico

O episódio narrado em Marcos 14.3-9 insere-se nos últimos dias do ministério terreno de Jesus, pouco antes de sua prisão, julgamento e crucificação. O relato ocorre em Betânia, na casa de Simão, o leproso, durante uma refeição em que, segundo os costumes sociais da época, a presença predominante era masculina, e a entrada de uma mulher em tal ambiente era culturalmente inusitada e potencialmente escandalosa.

A atitude da mulher que unge Jesus com um perfume de alto valor contrasta fortemente com as normas sociais da época, sua ação não apenas rompe barreiras sociais e religiosas, também antecipa simbolicamente a morte de Jesus, ao realizar um gesto tradicionalmente associado à preparação de corpos para o sepultamento (CATENASSI, 2021, p.122).

Nesse contexto, a unção torna-se um ato profético e teologicamente carregado de significado, revela tanto a identidade messiânica de Jesus quanto a incompreensão dos que o cercavam naquele momento decisivo (KEENER, 2005, p.181).

A interpretação de sua ação por parte de Jesus capacita o leitor da paixão em Marcos a bem compreender o que é o discípulo, mas também a entender o que é

o Messias no plano de Deus, desligado do messianismo triunfalista que imperava de forma geral no judaísmo (CATENASSI, 2021, p.122).

Catenassi (2021) destaca a importante interpretação de Jesus sobre a ação da mulher, que contribui na desconstrução da imagem de um Messias que triunfaria na Terra, para construir a imagem de um “ungido”⁴⁵ sofredor e que morreria numa cruz, para assim, libertar seu povo e vencer eternamente.

1.4. Contexto remoto, imediato e delimitação da passagem

O contexto remoto da passagem encontra-se na narrativa final do ministério de Jesus, seus últimos dias de vida terrena, o que demonstra a intenção do autor de colocá-lo exatamente naquele local, pois se encaixa na narrativa da morte e ressurreição de Jesus.

O contexto imediato se dá com a passagem de Marcos 14.3-9 que está inserida entre dois relatos que intensificam o clima de hostilidade contra Jesus: o plano para matá-lo (Mc 14.1-2) e o acordo de traição de Judas (Mc 14.10-11). Embora possua sentido completo, sua interpretação depende desse contexto, pois é nele que se compreende a ação da mulher. Mesmo diante da crescente maldade de Judas e dos líderes religiosos, o texto revela a soberania divina sobre os acontecimentos, como afirma Darby (1985, p. 241), “[...] tudo se cumpre perfeitamente e no momento exato, da maneira e pelos instrumentos requeridos por Deus”. A narrativa, assim, apresenta a ação da mulher como parte do cumprimento do plano divino.

A passagem em questão pode ser delimitada em Marcos 14.3-9, por apresentar uma ideia completa, sobre a ação da mulher ao ungir Jesus e sua profecia em honra à atitude dela, com o início definido como “Estando ele em Betânia [...]” (v. 3) e finalizado com “Em verdade vos digo [...]” (v. 9). A versão da Bíblia utilizada para o presente estudo será a Nova versão Internacional (NVI).

1.5. Contexto literário comparativo entre Marcos 14.3-9 e Mateus 26.6-13

⁴⁵ DICIONÁRIO: Messias e ungido remetem ao mesmo significado. Messias é um termo derivado da palavra hebraica “ungido” ou “o ungido”. Disponível em: <https://biblia.pro.br/significado-da-palavra-messias-no-original-hebraico-ungido/> Acesso em: 14 Ago, 2025.

A última semana do ministério terreno de Jesus em Jerusalém representa o ápice de sua missão redentora e o cumprimento do plano eterno de Deus, segundo Lopes (2006), “[...] essa semana é a culminação de todo o seu ministério e a concretização do projeto eterno de Deus”, marcada por uma diversidade de reações à pessoa de Jesus: enquanto os líderes religiosos conspiram contra Ele, uma mulher anônima revela amor e devoção, Judas prepara sua traição (LOPES, 2006, p.284).

É dentro desse cenário que se insere o episódio da unção de Jesus em Betânia, narrado em Marcos 14.3-9 e Mateus 26.6-13, ambos os evangelistas apresentam o evento como parte da mesma sequência narrativa que antecede a Paixão, reforçando seu valor simbólico e teológico. A ambientação do episódio é a casa de Simão, chamado de “o leproso”, embora, como ressalta Lopes (2006) “[...] certamente, não era mais leproso”, já que sua condição anterior o impediria de receber visitas ou organizar um jantar. Essa observação mostra que o ambiente da narrativa é socialmente reintegrado, o que favorece o momento de comunhão e de manifestação de devoção (LOPES, 2006, p.286; KEENER, 2005, p.182).

Desse modo, as passagens de Marcos 14.3-9 e Mateus 26.6-13 não são relatos paralelos meramente informativos, mas constituem, juntos, um mesmo contexto literário e teológico. A estrutura narrativa e os personagens centrais coincidem, e os elementos simbólicos, como o perfume, a unção e o contraste entre amor e traição, revelam uma unidade de sentido. O gesto da mulher e a reação de Judas representam respostas opostas diante da iminente cruz: uma é expressão de amor e sacrifício; a outra, de rejeição. Assim, os dois textos tratam da mesma situação e compõem um único contexto literário coerente dentro da narrativa da Paixão (LOPES, 2006; POHL, 1998; BRUCE, 2009; CARSON, 2009).

1.6. Contexto literário em contraponto com João 12.1-8

Apesar de semelhanças entre os relatos de Marcos 14.3-9, Mateus 26.6-13 e João 12.1-8, a identificação da mulher que realiza o gesto de unção permanece literariamente incerta, especialmente quando se considera que somente João a nomeia como Maria, irmã de Marta e Lázaro (Jo 12.3), enquanto Mateus e Marcos mantém a personagem no anonimato (MALZONI, 1998, p.99).

Diversos intérpretes buscam harmonizar os relatos e atribuir à mulher anônima de Mateus e Marcos o nome de Maria, seguindo a tradição registrada em João, Lopes (2006) afirma: “Nem Marcos nem Mateus nos informam o nome da mulher que ungiu Jesus, mas João nos conta que ela era Maria de Betânia” (LOPES, 2006, p.286). Os autores Wiersbe (2008), Darby (1985) e Hendriksen (2003) também associam diretamente a identidade da mulher à figura de Maria, muitas vezes exaltando sua devoção como modelo espiritual.

No entanto, do ponto de vista estritamente literário e crítico, essa identificação não pode ser considerada conclusiva, Bruce (2009) é cauteloso ao tratar dessa questão e destaca: “As diferenças entre esse incidente e Jo 12.1-8 tornam improvável que estejamos falando da mesma mulher” (BRUCE, 2009, p.1592). Essa avaliação leva em conta não apenas a variação nos detalhes narrativos, como o local, o tempo e os participantes (em João, Lázaro e Marta são citados), mas também a ausência de um nome específico nos Evangelhos de Mateus e Marcos.

A insistência dos comentaristas em identificar a mulher como Maria parece responder mais a uma necessidade teológica ou pastoral do que a um dado textual explícito. O uso da tradição em se basear no texto de João para suprir a omissão sinótica, embora comum, compromete a integridade literária das narrativas individuais. De fato, a anonimidade da mulher nos textos de Marcos e Mateus pode ter intenção literária própria, ampliando o impacto simbólico do ato como universal e atemporal.

Portanto, ainda que autores como Lopes (2006), Wiersbe (2008) e Darby (1985) atribuam à mulher citada em Marcos 14.3-9 a identidade de Maria, com base em João 12, essa identificação não pode ser imposta aos textos de Mateus e Marcos sem perder de vista as nuances contextuais de cada evangelista. A ausência de nome nesses relatos sugere que a intenção dos autores não era destacar a identidade da mulher, e sim ressaltar o valor de sua ação como um gesto profético e de devoção diante da iminente morte de Jesus.

2. INTERPRETAÇÃO DO TEXTO BÍBLICO MARCOS 14.3-9

A perícopes de Marcos 14.3-9 apresenta-se em três eixos temáticos centrais. O primeiro evidencia o gesto da mulher, que ao derramar perfume de alto valor sobre a cabeça de Jesus realiza uma ação parabólica e que pode ser considerada profética,

antecipa simbolicamente sua unção para a morte e sepultamento. O segundo aborda a reação dos presentes, marcada por críticas e pela incompreensão do sentido espiritual do ato. O terceiro destaca a resposta de Jesus, que defende a mulher, atribui valor duradouro ao gesto e o consagra como exemplo de amor e discernimento espiritual a ser lembrado na proclamação do Evangelho.

2.1. Jesus é honrado com a ação de uma mulher (v.3)

O relato de Marcos 14.3, situado em Betânia, ganha força interpretativa quando se observa o contexto em que a ação da mulher ocorre: a casa de Simão, o leproso, durante um jantar oferecido a Jesus. Conforme observa Lopes (2006), a menção de Simão como “leproso” não indica sua condição presente, mas passada, pois um leproso ativo não poderia socializar em uma refeição doméstica, essa suposição é reforçada pela ideia de que possivelmente foi o próprio Jesus que o curou (LOPES, 2006, p.286). Nesse sentido, a presença de Simão reforça o tema da restauração, como destaca Kunz (2018), ao afirmar que a cura de leprosos simboliza a purificação do pecado e o retorno à comunhão, uma imagem que completa o contexto da atitude da mulher (KUNZ, 2018, p.41 e 42).

A ação da mulher, portanto, se destaca como um ato simbólico, ao derramar um perfume caríssimo, nardo puro, sobre a cabeça de Jesus, ela o honra de modo extremo. Bruce (2009) destaca que o gesto foi fruto de uma concepção espontânea da honra devida a Cristo, utilizando um unguento raro e precioso, o que denota o valor atribuído à sua pessoa. Hendriksen (2003) aprofunda a descrição do objeto utilizado, revela que: “[...] o nardo provinha das raízes de uma planta do Himalaia [...]”, reforça o custo elevado e a raridade do gesto (BRUCE, 2009, p.1630; HENDRIKSEN, 2003, p.703-704).

Mais do que um simples ato de veneração, a unção carrega um significado profético, como aponta Carson (2009) e Keener (2005), observa que, embora a unção tradicional estivesse associada à coroação de reis por profetas, aqui ela é realizada por uma mulher anônima, sinaliza não apenas a realeza de Cristo, mas sua iminente morte. Sua ação, portanto, configura-se como uma preparação para o sepultamento de Jesus, evidencia a percepção da mulher como espiritual, profunda e sensível ao momento escatológico que se aproximava (CARSON, 2009, p.1461; KEENER, 2005, p.182).

O autor Pohl (1998) chama atenção para o fato de que o ato da unção em si ocupa apenas um versículo, enquanto a reação ao gesto ocupa a maior parte da narrativa, com destaque para o versículo 9, que assegura a memória eterna dessa mulher. Essa estrutura literária demonstra que a verdadeira intenção do evangelista não é descrever detalhadamente a unção, mas exaltar a fé e a entrega da mulher que honra Jesus em um momento crucial de sua trajetória (HL, 1998, p.275).

No versículo 3, o gesto da mulher ao ungir Jesus com um perfume de alto valor pode ser interpretado como uma ação parabólica, na medida em que, por meio de um ato concreto e simbólico, comunica uma verdade espiritual profunda. Segundo Kunz (2018), as ações parabólicas no Evangelho de Marcos não se limitam a simples gestos de bondade ou devoção, mas funcionam como instrumentos pedagógicos intencionais de Jesus, capazes de provocar reflexão e revelar aspectos centrais do Reino de Deus. Nesse sentido, a unção realizada torna-se um anúncio visual e antecipado da morte e sepultura de Cristo, revela que Jesus passaria necessariamente pela entrega total. Jesus, ao legitimar e interpretar o gesto diante dos presentes, transforma a ação em um ensino público, reafirma que a verdadeira adoração envolve percepção espiritual e resposta ao chamado divino.

É nesse ponto que Darby (1985) oferece uma leitura sensível do episódio: embora a mulher não tivesse plena consciência dos eventos que se aproximavam, seu coração estava profundamente alinhado com a realidade espiritual do sofrimento de Jesus, seu gesto, nas palavras do autor, “[...] responde às circunstâncias[...]”, e ainda que fruto de um “[...] instinto do seu coração [...]”, é elevado por Cristo a um nível de valor incomparável, um testemunho do discernimento que nasce do amor com devoção (DARBY, 1985, p.176).

Assim, a mulher citada não apenas realiza um ato de adoração; ela participa profeticamente do drama da Paixão, antecipa com seu perfume a entrega sacrificial de Cristo. Em um ambiente onde o ódio dos líderes religiosos cresce (Mc 14.1-2), a dedicação silenciosa e extrema desta mulher oferece um contraste poderoso: sua ação honra a Aquele que em breve seria desprezado e crucificado. É justamente por isso que sua história seria contada em todo o mundo onde o Evangelho fosse pregado, pois em

seu ato piedoso, o Senhor foi honrado de modo sublime (BRUCE, 2009; HENDRIKSEN, 2003).

2.2. Reação dos presentes à ação da mulher (v. 4-5)

O trecho da narrativa de Marcos 14.4-5 descreve uma reação imediata e negativa por parte de alguns presentes diante da atitude da mulher que ungiu Jesus com o perfume de nardo, o texto afirma que houve indignação, com comentários de que o perfume fora desperdiçado e que seu valor poderia ser revertido em ajuda aos pobres. Essa reação revela uma compreensão limitada do significado espiritual do gesto e ilustra, como observa Carson (2009) e Keener (2005), a prevalência de uma visão utilitarista e superficial da atitude da mulher, ainda que mascarada por uma aparente preocupação com os necessitados (CARSON, 2009, p. 1461; KEENER, 2005, p.182).

No contexto sociocultural do primeiro século, influenciado pela tradição judaica pós-Talmud⁴⁶ e pela cultura greco-romana, a presença de uma mulher no ambiente em que Jesus estava à mesa com seu anfitrião e os convidados⁴⁷ era socialmente inadequada. O Talmud atribuía às mulheres funções restritas à procriação e à dependência masculina, considerando-as incapazes de tratar de assuntos religiosos e restringindo sua presença em espaços públicos e coletivos (RIBEIRO, 2020, p.79). Contudo, Jesus reconhece nas mulheres plena capacidade de compreender e assimilar as verdades do Evangelho, e revela a algumas os ensinamentos mais profundos, como no caso do ensino sobre a água viva para a samaritana (Jo 4). Embora culturalmente inapropriada, a presença da mulher na cena de Betânia adquire legitimidade e significado à luz da postura inclusiva de Jesus (RIBEIRO, 2020).

A crítica dos presentes, embora pareça razoável ao argumentar que os recursos poderiam ser destinados aos pobres⁴⁸, falha em captar a singularidade do momento, como destaca Wiersbe (2008), embora Jesus não fosse contra a prática da caridade, a

⁴⁶ Talmud: coletânea de textos referentes à lei, ética, costumes e história do povo judeu (RIBEIRO, 2020, p.79).

⁴⁷ Mateus escreve “Os discípulos...” (Mt 26.8), Marcos escreve “Alguns dos presentes...” (Mc 14. 4), BÍBLIA, NVI.

⁴⁸ Marcos 14.5 cita que o valor era de trezentos denários, sendo um denário era o valor equivalente à diária de um trabalhador braçal, então trezentos denários configuravam o valor do salário de um ano. (BÍBLIA, 2013, p. 1655).

unção para o sepultamento possuía um valor superior naquele contexto, pois apontava para sua iminente morte. Tal percepção é reforçada por Darby (1985), ao afirmar que colocar os pobres em comparação com Cristo naquele momento era “[...] esquecer tudo o que era precioso para Deus” (WIERSBE, 2008, p. 146; DARBY, 1985, p. 240).

A reação deles, revela, uma dissonância entre o agir segundo a lógica do mundo e o discernimento espiritual, Carson (2009) sugere que a crítica ao ato da mulher tinha raízes no “[...] puro amor ao dinheiro [...]”, e não em qualquer preocupação legítima com os pobres, tal motivação egoísta, tem se repetido ao longo da história da igreja, como observa o autor, sendo motivo de constante retorno às advertências de Jesus quanto ao perigo do apego às riquezas (CARSON, 2009, p. 1461).

A indignação diante do gesto de amor demonstrado pela mulher revela, assim, não apenas uma falta de compreensão do momento de preparação de Jesus para o sepultamento, mas um desvio de valores espirituais, onde o utilitarismo e o egoísmo tentam ofuscar a sincera devoção. O contraste entre a sensibilidade espiritual da mulher e a frieza dos demais evidencia a necessidade da centralidade de Cristo como prioridade absoluta, sobretudo diante de seu iminente sofrimento (DARBY, 1985; CARSON, 2009; WIERSBE, 2008).

2.3. A honra de Jesus à ação da mulher (v. 6-9)

A reação de Jesus frente à crítica dirigida à mulher é uma repreensão direta aos presentes e um ato de valorização espiritual, a expressão "Ela praticou boa ação para comigo" (v. 6) revela o caráter essencialmente espiritual e sacrificial do gesto. Hendriksen (2003) observa que Jesus classifica a ação da mulher como “[...] uma coisa bonita [...]”, destaca sua generosidade e caráter atemporal, esse reconhecimento transcende o momento histórico vivenciado e o valor material do perfume, e alcança o plano do eterno, o próprio Evangelho (HENDRIKSEN, 2003, p. 705).

A ação da mulher, ungir Jesus com um perfume caríssimo, é interpretada por Carson (2009) como “[...] um ato de amor e devoção [...]”, apesar de trazer uma “[...] mensagem sombria [...]”, antecipando a morte do Mestre. Enquanto os presentes não compreendem o significado do gesto e o tratam como desperdício, Jesus o reconhece como expressão legítima de fé e de entrega, afirma que o feito da mulher seria lembrado

onde quer que o Evangelho fosse anunciado. Ainda segundo Carson, a preocupação com os pobres não é diminuída, mas relativizada frente à singularidade daquele momento: “[...] mesmo essa preocupação legítima poderia sair de proporção, se impedisse o ato espontâneo e extravagante de amor naquela circunstância especial” (CARSON, 2009, p. 1412).

Darby (1985) reforça essa perspectiva ao afirmar que Deus preparou aquele momento como “[...] um doce alívio para o coração do Salvador [...]”, mais como conforto espiritual do que físico (DARBY, 1985, p. 173). De modo semelhante, Barclay (apud LOPES, 2006, p. 287) chama a atenção para o uso da palavra grega *kalos* em vez de *agathos*, indica que o que a mulher fez não foi apenas moralmente bom, mas também belo, atraente e encantador, a beleza do gesto está na sua motivação interior e na percepção espiritual do tempo oportuno.

Embora a mulher não estivesse, segundo Darby (1985), ciente das exatas circunstâncias que sobreviriam a Jesus, seu coração devotado a Ele foi sensível à gravidade espiritual do momento, é exatamente essa sensibilidade que Jesus destaca ao afirmar: “Ela fez o que pôde” (v. 8). Tal declaração é análoga ao elogio dado à viúva pobre em Marcos 12.44, como aponta Pohl (1998), sugere que Jesus valoriza o gesto proporcional ao coração com que é feito, e não ao volume externo de sua expressão (DARBY, 1985, p. 175; POHL, 1998, p. 276).

Em Keener (2005) encontra-se que na tradição judaica, a unção constituía um rito solene aplicado a reis, sacerdotes e, por definição, ao Messias, o “ungido” (KEENER, 2005, p. 182), como ato de consagração ao serviço divino. No entanto, o episódio narrado apresenta uma inversão significativa desse padrão, conforme observa o autor, Jesus enfatiza um tipo distinto de unção, que a mulher provavelmente não tinha intenção de realizar: a preparação de um corpo para o sepultamento. Nesse sentido, o gesto, motivado por profundo amor e devoção, adquire caráter único, assume, assim, valor simbólico e teológico singular no contexto da narrativa cristã.

O ato da mulher ganha um significado escatológico nas palavras de Jesus: “antecipou-se a ungir-me para a sepultura” (v.8), trata-se de uma reinterpretação messiânica do gesto, que, embora não intencionalmente profético, é reinterpretado por Cristo como parte do seu caminho para a cruz. Bruce (2009) considera essa afirmação

uma possível alusão à brevidade do tempo que restava antes da crucificação, eleva o gesto dela acima das preocupações sociais, naquele momento específico (BRUCE, 2009, p. 1630).

A honra prometida por Jesus “onde quer que o evangelho for anunciado” (v.9) não se restringe a uma mera lembrança histórica, representa a institucionalização do ato da mulher como parte integrante da narrativa da crucificação, ela não é mencionada como elemento periférico, mas como componente essencial do Evangelho a ser proclamado. No pensamento bíblico, o conceito de “memorial” ultrapassa a noção de recordação passiva e implica a perpetuação da relevância de um evento ou pessoa (Êx 12.14; Sl 112.6).

Assim, Jesus eleva o gesto da mulher ao status de memorial teológico, concedendo-lhe que sua história jamais será esquecida, assegura-lhe a preservação de seu significado junto com a mensagem do Evangelho e torna seu ato paradigma de amor e entrega. A conexão entre esse gesto e a boa-nova revela-se estrutural: o Evangelho registra não apenas as palavras e ações de Jesus, mas também as respostas humanas a Ele. Nesse sentido, a atitude da mulher configura uma pregação não verbal, uma ação parabólica que antecipa a essência da cruz, que é entrega total, movida por amor (KUNZ, 2018, p. 29).

Essa valorização é ainda mais acentuada na declaração de que “[...] em todo o mundo [...] será também contado o que ela fez, para memória sua” (v. 9), aqui, conforme Pohl (1998), a ação da mulher é incorporada à narrativa cristã, não como Evangelho em si, mas como memória perpétua da resposta humana adequada ao sacrifício iminente de Cristo, essa memória une-se liturgicamente à memória de Cristo nas ceias da Igreja primitiva, de forma que se lia todo o relato da Paixão (POHL, 1998, p. 276). Catenassi (2021), ressalta ainda:

Mais que exaltar a pessoa, Jesus quer iluminar o gesto de reconhecimento de sua missão e ação salvífica como uma característica do seguimento cristão, ainda não apreendida pelos apóstolos. Assim, cada discípulo, à medida que reconhece no Cristo o verdadeiro Messias, novamente derrama sobre Ele a unção mais preciosa e mais importante, entregando a Jesus suas riquezas como sinal de desligamento do acidental e de uma aceção profunda do essencial: o amor. A mulher não tem nome, porque talvez seu nome seja *discípula* (CATENASSI, 2021, p. 128).

A ação da mulher se torna um símbolo do verdadeiro discipulado, marcado pelo amor, pelo desapego e pela entrega total do que é essencial, sua figura anônima

universaliza o gesto, revela que seguir Jesus se manifesta nos gestos mais do que somente no conhecimento formal.

Hendriksen (2003) reforça que a verdadeira lição está no fato de que Deus se agrada e recompensa a fidelidade dos que “O honram”, o reconhecimento de Jesus não é apenas uma defesa diante dos críticos, sim uma exaltação pública de uma fé humilde e ativa, registrada eternamente como exemplo para todos os seguidores do Evangelho (HENDRIKSEN, 2003, p. 708).

Por fim, o gesto da mulher revela a direção moral e espiritual correta, como afirma Darby (1985), sendo um ato de discernimento sobre o que realmente importa. Num contexto no qual os presentes no jantar ainda não compreendiam plenamente a Paixão iminente, somente ela, uma mulher anônima, é apresentada como modelo de percepção espiritual e resposta adequada à presença do Messias que sofreria (POHL, 1998, p. 276; DARBY, 1985, p.240).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a perícopes de Marcos 14.3-9, situada no contexto mais amplo da preparação para a Paixão, revela não apenas um episódio de honra a Jesus, mas um marco interpretativo sobre o significado da verdadeira devoção. A estrutura desenvolvida, aborda o gesto da mulher, a reação dos presentes e o reconhecimento de Jesus, evidencia que o ato não pode ser reduzido a uma manifestação de generosidade ocasional, deve ser compreendido como expressão de discernimento espiritual e antecipação, até mesmo, profética, conforme indicado por Hendriksen (2003).

As declarações de Jesus revelam uma compreensão teológica e narrativa de grande profundidade, na qual o gesto da mulher é elevado a um ato de devoção singular e de relevância até mesmo escatológica. Ao reconhecer que ela “fez o que pôde” e “derramou o perfume em meu corpo antecipadamente, preparando-me para o sepultamento” (v.8), Jesus atribui à sua ação um caráter profético, pois, sinaliza para o caminho de sofrimento que culminaria na cruz. Pohl (1998) enfatiza que essa unção, realizada antes dos eventos da Paixão, demonstra uma percepção espiritual que ultrapassa as convenções sociais e religiosas, revelando a primazia da pessoa de Cristo sobre questões humanas e passageiras.

A promessa de que o ato seria lembrado “onde quer que o evangelho for anunciado, em todo o mundo” (v.9) confere-lhe valor perene, inserindo-o no centro da proclamação cristã, Carson (2009) interpreta essa afirmação como um selo de aprovação divina, no qual o exemplo da mulher se torna paradigma de amor sacrificial e fé prática. Bruce (2009) acrescenta que, ao incluir essa declaração no contexto do Evangelho, Marcos sublinha a relação entre a verdadeira adoração e a disposição de oferecer o que é mais precioso ao Senhor, independentemente da opinião pública.

O autor Keener (2005) observa que, no contexto cultural do século I, a memória de uma mulher ser eternizada ao lado da mensagem do Evangelho é um gesto contracultural, que redefine padrões de reconhecimento social e espiritual. Com base nos estudos de Kunz (2018) pode-se dizer que o gesto pode ser entendido como uma ação parabólica, que comunica, de forma simbólica, verdades centrais do Evangelho, tal como o próprio ministério de Jesus se valia de gestos para revelar dimensões espirituais mais profundas.

Dessa forma, o episódio não se limita a um relato de hospitalidade ou gratidão, mas estabelece um marco teológico que vincula a proclamação do Evangelho à recordação de um ato de devoção autêntica. A narrativa permanece como fonte inesgotável de reflexão para a igreja, aponta que a verdadeira adoração exige discernimento espiritual, coragem para romper expectativas sociais e disposição para investir, sem reservas, no Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **A Bíblia da mulher**: leitura, devocional, estudo. 2.^a ed. Almeida Revista e Atualizada. Barueri, São Paulo: SBB, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo arqueológica NVI**. Tradução de Claiton André Kunz; Eliseu Manoel dos Santos; Marcelo Smargiasse. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2013.

BRUCE F.F. **Comentário bíblico NVI**. São Paulo. Vida, 2009.

CARSON, D. A. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CATENASSI, F. Z. Um discipulado mais pleno: a mulher de Betânia (Mc 14,3-9). **Estudos Bíblicos**, São Paulo, [s.n.]: v. 29, n. 115, p. 121–135, 2021. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/320>. Acesso em: 14 ago. 2025.

DARBY, J.N. **Estudos sobre a Palavra de Deus**: Mateus e Marcos. Tradução de Martins do Vale. Lisboa: [s.n.], 1985.

DICIONÁRIO ONLINE. Termo Messias. Disponível em: <https://biblia.pro.br/significado-da-palavra-messias-no-original-hebraico-ungido/> Acesso em: 14 Ago 2025.

HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento**. Exposição do livro de Marcos. Tradução de Elias Dantas. São Paulo: Cultura Crista, 2003.

KEENER, C. S. **Comentário bíblico Atos**: Novo Testamento. Tradução de José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2005.

KUNZ, C. A. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Curitiba: AD Santos, 2018.

LOPES, H. D. **Marcos**: o evangelho dos milagres. São Paulo: Hagnos, 2006.

MALZONI, Claudio. Da cabeça aos pés a unção de Jesus em Betânia, em Mc 14,3-9 e nos textos afins na tradição evangélica. **Perspectiva Teológica**, [S. l.]: [s.n.] v. 30, n. 80, p. 95, 1998. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/877>. Acesso em: 14 ago. 2025.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**; Comentário Esperança. Tradução de Hans Udo Fuchs. Arquivo digital. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. O papel das mulheres na bíblia: protagonistas ou coadjuvantes?. **AD AETERNUM** – Revista de Teologia. Nº. 0. p. 68-85 68. São Paulo: [s.l.], 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/7348-Texto%20Artigo-21240-1-10-20201202.pdf> Acesso em: 12 ago. 2025.

WIERSBE, W. W. **Comentário bíblico Wiersbe**: Novo Testamento. Rio de Janeiro: Geográfica, 2008.